



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A CORPOREIDADE NA PERSPECTIVA DOS TERREIROS DE MATRIZ
AFRICANA EM UM AMBIENTE URBANO PÓS-MODERNO**

AUGUSTO JUVENAL CORREA FIDELIS

URUGUAIANA-RS

2015



AUGUSTO JUVENAL CORREA FIDELIS

**A CORPOREIDADE NA PERSPECTIVA DOS TERREIROS DE MATRIZ
AFRICANA EM UM AMBIENTE URBANO PÓS-MODERNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física, do curso de graduação em Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa– Unipampa, Campus Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul.

URUGUAIANA-RS

2015

AUGUSTO JUVENAL CORREA FIDELIS

**A CORPOREIDADE NA PERSPECTIVA DOS TERREIROS DE MATRIZ
AFRICANA EM UM AMBIENTE URBANO PÓS-MODERNO**

Trabalho submetido ao curso de Licenciatura
em Educação Física da Universidade Federal
do Pampa, como requisito para a obtenção do
grau de Licenciado em Educação Física.

Trabalho de Conclusão defendido e aprovado em 15 de dezembro de 2015.

Banca examinadora

Prof^ª. Dr^ª Marta Iris Camargo Messias da Silveira
UNIPAMPA URUGUAIANA
Orientadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira
UNIPAMPA URUGUAIANA
Membro

Prof^ª. Esp^ª. Soraya Stael dos Santos Rosa
UNIPAMPA URUGUAIANA
Membro

DEDICATÓRIAS

Dedico este trabalho em primeiro lugar aos meus pais Canuto e Catarina, que ao longo da vida souberam nos transmitir os valores que permearam a nossa existência, a dignidade e a indignação, pautaram a nossa caminhada com a única possibilidade de emancipação do sujeito pobre neste país é através do estudo, e me apresentaram cedo à religião de matriz africana. A minha amada esposa Gleci, pela sua paciência, incentivo e crítica. As minhas adoradas filhas Denise e Eduarda, pela cumplicidade, respeito e amor, e ao amigo também genro Diego, pelo rejuvenescimento na luta. Aos meus irmãos Nora Nei, Jorge Roberto, Neiva Iara e Pedro Roberto, que sempre torceram por mim em algum momento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer com gratidão imensurável a minha orientadora Professora Dr^a Marta Iris Messias da Silveira, sem a sua dedicação e colaboração talvez eu não tivesse alcançado o grau de compreensão e significância deste trabalho.

Ao Professor Paulo Roberto Cardoso da Silveira com suas contribuições significativas na elaboração deste trabalho.

A Professora Soraya Stael dos Santos Rosa, pela inspiração, pelo exemplo, dedicação e militância na luta em defesa e solidificação das relações étnico raciais.

Ao acadêmico Diego Noronha, pela parceria e rejuvenescimento na luta, pela troca de saberes e incentivador de uma nova forma de fazer política estudantil.

Aos colegas do Núcleo de Estudos Afro Brasileiro, que com uma capacidade enorme de trabalhar o coletivo me ensinaram a construir e trabalhar sem personalismos, me proporcionando grandes momentos de realizações.

As colegas e amigas Tatiane e Lidiele, peças fundamentais para o dia a dia da minha graduação, pelos trabalhos, pelas conversas, pelo incentivo, pela admiração e respeito mútuo.

Ao colega Rui Dorneles, com sua boa vontade e carisma me ajudou muito no primeiro semestre, e foi decisivo o seu incentivo para chegar até aqui.

Ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva, que desafiando a história implantou nesta região uma universidade federal pública, que sem ela eu nunca teria concluído um curso superior gratuito e de qualidade.

RESUMO

O presente trabalho trata-se da finalização de uma etapa acadêmica, neste processo de construção de conhecimento, optamos por um caminho que indica-se as possibilidades de transitar no universo da corporeidade, conceituando-a minimamente e compreendendo os condicionantes históricos que relegaram ao corpo a condição de inferioridade. Buscou-se autores que fundamentassem nosso intento de pesquisa, onde a partir das leituras resgatamos a compreensão histórica sobre o corpo, a intenção sempre presente de fragmentá-lo pelo viés da dualidade e as teorias que percebem este corpo como dotado de história, cultura e política. Teoricamente apresentaremos este embasamento que nos permitiu construir a aproximação necessária entre os terreiros de matrizes africanas e a Educação Física. Pretende-se com este estudo revelar outros espaços de desenvolvimento da corporeidade, respeitando suas particularidades, seu sagrado e suas simbologias, mas acima de tudo permitindo que estas manifestações ocupem o cenário acadêmico, colaborando para desmistificar o entendimento equivocado sobre as religiões de matrizes africanas, romper as amarras sociais e atitudinais, e perspectivar uma Educação Física mais comprometida com o respeito a diversidade e o desenvolvimento dos sujeitos na sua totalidade. Se a universidade é um espaço plural, as múltiplas dimensões históricas e culturais precisam também fazer parte deste universo.

Palavras-chaves: Corporeidade. Terreiros de Matrizes Africanas. Educação Física.

ABSTRACT

This work it is the completion of an academic stage in the process of knowledge construction, we chose a path that indicates the possibilities of moving the world of corporeality, conceptualizing it minimally and understanding the historical conditions that have relegated the body the inferiority condition. We attempted to authors to substantiate our attempt to search where from the readings rescued the historical understanding of the body, the intention always there to break it the perspective of duality and the theories that realize this body as having history, culture and policy. Theoretically we present this foundation that enabled us to build the necessary rapprochement between the religious communities of African origin and Physical Education. The aim of this study reveal other development areas of corporeality, respecting their particularities, their sacred and its symbols, but above all allowing these manifestations occupy the academic setting, helping to demystify the misunderstanding of religions of African origin, break the social and attitudinal bonds, and envisage a more committed Physical Education with respect for diversity and the development of the subject in its entirety. If the university is a plural space, the many historical and cultural dimensions also need to be part of this universe.

Keywords: Corporeality. Terreiros matrices African. Physical Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	9
3. O CAMINHO PERCORRIDO; A BUSCA POR UM REFERENCIAL.	10
3.1 DANÇAS DE ORIXÁS E EDUCAÇÃO FÍSICA: DELINEANDO PERSPECTIVAS A PARTIR DOS RITUAIS DE CANDOMBLÉ	16
3.1.1 A SACRALIDADE GESTUAL	17
3.1.2 DANÇA NA FESTA E FESTA NA DANÇA.....	18
3.1.3 ADENTRANDO TEMPOS –ESPAÇOS, RITO- EDUCACIONAIS.....	19
3.2 CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	21
3.2.1 DO CORPO À CORPOREIDADE E À EDUCAÇÃO FÍSICA	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo corpo como tema de pesquisa, remonta a duas trajetórias em minha formação: uma religiosa e uma profissional. As duas se entrecruzam, se conectam em enlaces múltiplos e profundos, trazendo o corpo para o cerne da minha pesquisa. Meu encontro com o universo das religiões de matriz africana é anterior a minha entrada na academia, pois faz parte do meu histórico familiar, cultural e social, pois desde tenra idade sou frequentador assíduo deste espaço religioso. A curiosidade juntamente com o conhecimento científico me faz perceber alguns sentidos que antes eram apenas empíricos e conhecer este corpo em um grau mais profundo, em sua complexa construção e estruturação do universo cultural do terreiro de candomblé.

Na formação profissional este assunto corpo é pouco explorado, pois a carga horária para a disciplina “Antropologia do Corpo” é pequena. Só fui encontrar mais densidade no assunto quando participei das formações no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, PIBID, onde o tema “Corporeidade” nos foi apresentado para discussão e compreensão. Nas civilizações ancestrais, o corpo era visto como mistério inviolável, ‘jardim fechado’, sede do bem e do mal. A partir da visão mecânica que inaugura a Modernidade, dessacraliza-se o corpo e este passa a ser um objeto ‘aberto’, devassável, anatômico, fragmentado. Na economia burguesa, é força de trabalho, corpo fetiche, mercadoria. A engenharia genética e o mercado de órgãos agravam ainda mais a visão do corpo como um valor de troca.

Neste trabalho de conclusão de curso busca-se aprofundar o conhecimento das múltiplas dimensões do corpóreo, abordando-se a corporeidade como um desenvolver permanente, processo histórico-social que é objeto da Educação Física. Toma-se como referência o espaço do terreiro como lócus que permite vivenciar e desafiar o corpo a explorar suas possibilidades de expressão. O corpo é visto como emoção (o sentir) e não apenas como objeto racional a cumprir funções a que é cobrado na sociedade capitalista e seus ditames econômicos e morais.

2. JUSTIFICATIVA

Entendemos que a Educação Física tem como ferramenta de trabalho o corpo em movimento e, neste sentido, nossa intenção de pesquisa foi por interpretar o corpo na sua

totalidade. Os estudos realizados durante estes cinco anos de universidade despertaram em nós a vontade de irmos além dos conhecimentos curriculares, pois mesmo que se considere estes como essenciais, precisávamos a partir de nossa veia transformadora ir além.

Optamos por uma busca incansável que justificasse nossa estada no ensino superior, pois precisávamos deixar um legado, precisávamos marcar este processo a várias mãos, e foi na construção e desconstrução diária do que é Educação Física que nos empoderamos dos conhecimentos ainda que inacabados do nosso papel enquanto futuro educador.

Transitar por espaços de formação política na instituição como o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, o Diretório Acadêmico e os projetos de formação como os Novos Talentos/CAPES MEC e o Programa Institucional de Iniciação à docência, foi para nós o mote de inspiração que nos faltava. Para um militante de larga trajetória nos movimentos sociais e partidos políticos, precisava ser mais que conteúdos, precisava ser mais que técnicas, precisava ser mais que discursos e teorias; precisava ser maior, coletivo e acima de tudo revolucionário.

Com esta intenção chegamos hoje com a sensação de termos feito nossa parte e temos a satisfação de optar politicamente pela Educação Física escolar. Se nos perguntassem qual a relevância deste trabalho para o curso, eu diria que é importante porque revela outras formas de interação com o corpo, uma forma histórica, legítima e que precisa ser permitida na universidade, colocando-se para ser compreendida como um conhecimento possível e válido.

3. O CAMINHO PERCORRIDO; A BUSCA POR UM REFERENCIAL.

Para transitarmos neste diálogo a seguir, fez-se necessário trazermos a luz da discussão alguns autores clássicos e outros contemporâneos que nos auxiliaram nas aproximações sobre corporeidade, Educação Física e os terreiros de matrizes africanas.

Compreende-se que o corpo também é preocupação dos filósofos desde a Antiguidade. O pensamento filosófico caminhou por duas linhas: ora colocando o corpo sob suspeita, marginalizando-o, ora enaltecendo-o. Platão retrata essa marginalização do corpo, por meio do logocentrismo, ao dizer que a alma raciocina melhor “quando não é perturbada pela vista nem pela audição, nem pela dor, nem pela volúpia e, encerrada em si mesma, deixa que o corpo lide com essas coisas sozinho...” (Queiroz, 2001:42). Os filósofos medievais identificam o corpo como instrumento da alma. Para Descartes e Newton, “o ser humano tem

sua unidade rompida, pois, de um lado, é razão pensante (res cogitans) e, de outro, é corpo ou matéria(res extensa)”(op.cit.:44)

A Sociologia e a Antropologia têm como uma de suas prerrogativas básicas em suas análises, a crítica ao determinismo biológico, argumentado que a biologia não deve ser o ponto de partida para as explicações dos fatos sociais. Assim, uma das tarefas básicas nas ciências sociais seria desconfiar dos determinismos e dos essencialíssimos. Porém, a antropologia clássica do corpo, ainda traz uma concepção determinista, quando desloca o determinismo biológico para o determinismo cultural. Por esse viés, o corpo e seus desdobramentos seriam explicados e entendidos como frutos de uma construção social e cultural. Porém, observamos contemporaneamente, mesmo dentro dessa concepção, diversas críticas aos entendimentos e abordagens de como se dá essa relação.

É importante notarmos a importância fundamental do artigo de Marcel Mauss (1934), pois o mesmo traz a sócio antropologia como campo de conhecimento válido para se pensar o corpo. Trata-se de um marco importante, e tal relevância explica o porquê de seu legado ser tão vasto: é muito difícil imaginar a possibilidade da existência de múltiplas abordagens nas investigações sobre o corpo sem considerar as considerações iniciais de Marcel Mauss em suas técnicas do corpo. Assim, ainda que Mauss esteja dentro do que chamamos antropologia clássica, positivista, durkheimiana e estruturalista, é importante entender com quem ele estava dialogando em sua época e o que já estava transpondo e propondo naquele novo contexto.

A escola culturalista americana apresenta também uma preocupação em se distanciar do evolucionismo, com ênfase no trabalho etnográfico, problematizando a tensão entre indivíduo e cultura. Esta escola introduz a noção de papéis sociais culturais, desempenhados pelos indivíduos na sociedade. Representante importante do pensamento sócio antropológico americano, o trabalho da antropóloga Margaret Mead (1976) critica o determinismo biológico como fator determinante dos temperamentos masculino e feminino. A cultura opera determinando os corpos e os sujeitos, havendo ainda, em Mead, uma ideia de conformidade, de um determinante cultural.

Outro viés do pensamento antropológico clássico do corpo é o estruturalismo inglês, que a partir de uma perspectiva empirista, entende o corpo como uma “porta” para se estudar o social; o corpo como metáfora do social, ainda é socialmente expresso, inscrito e circunscrito, ainda é objeto moldado como reflexo da sociedade. Para Mary Douglas (1976), antropóloga inglesa, o corpo entra mais uma vez como um meio para a expressão do social, sendo marcado, demarcado e inscrito. Em seu trabalho, o estudo dos símbolos das fronteiras

corporais daria acesso aos símbolos das margens sociais, em uma relação de micro e macro, entre o corpo e a sociedade. O corpo humano é um modelo do todo o sistema social.

Mauss, Mead e Douglas, representam três escolas clássicas do pensamento antropológico e do pensamento sobre o corpo: a francesa, a americana e a inglesa, respectivamente. O fio que as une, propõe que o corpo é inscrito pelo social, reflete o social, é um microcosmo do social. O estruturalismo apaga um pouco a questão do tempo e da história, pois pressupõe estruturas universais, transculturais, que não dialogam diretamente com questões históricas. Para o estruturalismo o corpo é ao mesmo tempo natureza e cultura, estão entre os dois polos, entendendo esses polos como partes separadas, independente, duais, opostos. O interesse do estruturalismo pelo corpo passa por esse entendimento, enquanto micro reverência ao macroestrutural, ou como diriam os autores supracitados, como fruto do social.

É importante considerar também que estes primeiros estudos ainda estavam focados nas sociedades “simples”, ditas “arcaicas” ou “primitivas”, mas essa tradição clássica teve grande importância, principalmente no sentido de romper com o determinismo biológico e de raça, como fatores originários das relações sociais. Outros autores importantes também contribuíram de forma essencial nestas abordagens, como o também francês Roger Bastide (1983) e o brasileiro José Carlos Rodrigues (1975 e 1999).

Uma produção que parte do pensamento estruturalista, e que influenciou enormemente as ciências sociais é a obra do historiador social Michel Foucault (1979 2004,2006). E é em sua fase considerada pós-estruturalista que suas considerações vão marcar definitivamente o pensamento social sobre o corpo. Suas análises debruçam-se sobre a passagem do século XVIII para XIX, momento que se identifica a sedimentação do pensamento moderno, a ascensão da burguesia como classe dominante, e a confirmação do capitalismo como modelo econômico hegemônico nas sociedades ocidentais.

Foucault (1979) considera que o surgimento da idade moderna marca a solidificação do dualismo entre o corpo e alma, sujeito e objeto. A racionalidade que separa um e outro se encontra difundida em todo o espírito moderno, e a ideia de controle dos corpos e dos indivíduos passa a ser essencial para a lógica social moderna. Na modernidade, o poder torna-se difuso e passa a relacionar-se com os espaços que validam a verdade racional, primordialmente as ciências, construindo a relação de dependência entre saber e poder. Há assim, a constituição de uma nova forma de exercício de poder na modernidade, como sendo um controle difundido no social e internalizado pelos indivíduos, em corpos dóceis e adestrados, disciplinados dentro das instituições criadas pela modernidade (como as escolas,

as fabricas, os hospitais e as prisões). Corpos disciplinados levam a gestos eficientes, e controle interiorizado. As resistências ao poder só poderiam se dar dentro do âmbito do próprio poder, de suas lógicas internas, de suas instituições e de suas normatizações.

Para Assmann (1995) compreende-se o cérebro humano como aparelho biológico de competência para agir, perceber, saber, aprender, e a mente como a capacidade de consciência e pensamento. A realidade não entra pelos órgãos dos sentidos como algo pronto, mas existe uma decodificação dessa realidade de acordo com as experiências de vida de cada ser humano. Alerta o autor para o cuidado em não fechar os conceitos sobre o conhecimento do corpo, devido à complexa criatividade dos seres vivos. Insiste que qualquer conceito sobre corporeidade seja estruturalmente aberto a constantes complementações.

As várias linguagens sobre o corpo, como psicomotricidade, motricidade, pedagogia do movimento, e as abordagens sistêmicas da corporeidade, têm suas especificidades e de certa forma fazem um alerta a respeito da dissociação ou dualismo que ainda perdura na relação mente-corpo, presente nas Ciências Humanas. O culto ao corpo, visando apenas à parte física, anatômica, é o que a mídia apresenta à população, para vender as ideias de malhação, corpo escultural, emagrecimento. Muitas vezes, a estética conduz ao uso de anabolizantes, que provocam doenças ou levam à morte. É preciso ampliar nossa visão de mundo, saindo da abstração, para aprimorar a qualidade de vida, e esta só é obtida com a recuperação da vivência da corporeidade. A corporeidade é o conhecimento do corpo do ponto de vista filosófico, que parte de sua dimensão biológica, na qual esse corpo não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona ininterruptamente.

O termo corporeidade indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem do corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo. É a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade.

A corporeidade manifesta uma pluralidade de relações, e Olivier (1995) as apontam claramente: “A corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expansivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção)”. O corpo se torna a permanência que permite a presença das “coisas mesmas” manifestar-se para mim em uma perspectividade; torna-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda a ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. Mas ele,

enquanto corporeidade, enquanto corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e através do qual o processo de vida se perpetua.

É certo que a cultura judaico-cristã, a partir de sua matriz religiosa e as antigas concepções filosóficas dicotômicas, baseada na moral cristã, espalhou por quase todo mundo, uma valoração diminutiva do “corpo-carnal”, objeto vulnerável do pecado e do “espírito” como instrumento de elevação, de sublimação. No entanto, esta concepção filosófico-religiosa foi reexaminada por cientistas humanistas contemporâneos e também por representantes de povos e culturas tradicionais e ancestrais, os quais sofreram perseguições por não conceberem o ser como entidade separada, divisível. Nas literaturas difundidas em referência ao corpo, nas suas diversas abordagens, dificilmente encontramos algo pertinente à diversidade de povos e suas culturas.

Os povos orientais, por exemplo, não concebem o corpo como os ocidentais, bem como, os povos africanos têm outra concepção de homem e de mundo. Sendo assim, para delinear alguns pontos essenciais no que confere a uma visão afro-brasileira, pressupomos que se faz necessário entrar em contato com **“o principal núcleo organizador dos africanos no Brasil, os terreiros de Candomblé”**. Acredita-se que grande parte da riqueza cultural afro-brasileira se encontra em suas práticas religiosas, desta forma o conhecimento das mesmas é de suma importância para o entendimento dos processos culturais que formaram a história de resistência desta população. O Candomblé é uma cultura religiosa rica em significados, perspectivas e visões de mundo que ainda são pouco conhecidas pelos não praticantes.

Corporeidade, os terreiros e a Educação Física: um diálogo possível.

Com base nos estudos atuais a partir de autores que tratam da dimensão religiosa no contexto afro-brasileiro (Bastide, 1985; Verger, 1981; Santos, 1975; Luz, 1993; Siqueira, 1995) e de referências diretas, podemos dizer que o TERREIRO DE CANDOMBLÉ é um complexo universo de formas, procedimentos éticos, educacionais, estéticos, transcendentais e filosóficos calcados no viver e ser africano, a partir das contribuições de povos de diversas nações aportadas nesse território, deixando para seus descendentes diretos, segredos, valores, ritos, lições de vida, cuja função é desenvolver a pessoa de forma integral. É urgente compreender os terreiros como comunidades religiosas onde estariam presentes aspectos que foram vitais aos escravos africanos; além da cosmovisão africana, encontramos ali a música e

a dança, que no conjunto oferecem uma visão particular do mundo. Noutra dimensão, é o eixo de coesão, cumplicidade, fundamento de identidade étnica afro-brasileira. E por que não dizer a relação do mundano com as divindades.

O ser corporal afro-brasileiro é uma entidade total que vindo ao mundo responde por uma identificação, considerando que este processo depende de uma busca pela identidade. A herança civilizatória assumida passa pela referência e gosto por elementos produzidos culturalmente, sendo aquilo que se manifesta com maior intensidade. Esta perspectiva se delinea a partir do corpo que pulsa e executa movimentos, gestos simbólicos extraídos de um código original, configurações desenhadas num tempo-espaco-rítmico do universo africano. Tal código constitui uma linguagem sagrada que legitima valores ancestrais, estéticos, étnicos, contemporâneos e plurais da cultura negra no Brasil, onde os Terreiros, os afoxés, blocos afro, grupos de Capoeira e dança Afro, são fontes de preservação e transmissão de conhecimentos. Percebe-se que um dos traços corporais que mais representa a ancestralidade dentro da cultura negra, é a dança, a qual mostra a movimentação dos Orixás, por exemplo, uma rica linguagem e simbologia proveniente de um trajeto contínuo galgado por uma etnia que não apresenta limites de tempo.

Confrontamos em nossa contemporaneidade uma dualidade simbólica: em um patamar, as tentativas de recalcar, ou até mesmo esvaziar uma ancestralidade de maior fluência; em outro, o esforço para se manter viva a expressão corporal africana, constituindo aí, uma forma dinâmica do resgate étnico de traços identitários que vem sendo diluídos. “A sociedade contemporânea depara-se numa profunda crise – no bojo da qual permeando todas as suas dimensões, encontra-se aquela do conhecimento: o científico-tecnológico- ai implica a grande questão das concepções do homem e sociedade” (BURNHAM, 1993).

A expressão corporal é todo o gesto pelo qual o sujeito comunica através do corpo seus sentidos, ideias, críticas, emoções, sentimentos, experiências... “a expressão corporal reflete tudo o que sou: minha história, o que penso, como sinto. Vida anterior e expressão corporal são coisas inseparáveis” (KLAUS VIANA, 1990, p.134).

Nesse sentido, ao nos referirmos à expressividade corporal do negro manifesta em forma de dança, estamos dizendo que o conjunto de gestos, movimentos, ritmos, configurações espaciais e temporais, embutidas numa forma e conteúdo simbólico de imagens e projeções, estão fundamentadas numa visão de mundo africana no Brasil (história, cultura, aspirações, crenças, produções...). Estas características são a distinção em relação a outros povos ou grupo num contexto amplo e diverso.

3.1 DANÇAS DE ORIXÁS E EDUCAÇÃO FÍSICA: DELINEANDO PERSPECTIVAS A PARTIR DOS RITUAIS DE CANDOMBLÉ

O presente artigo tem como objetivo configurar o cenário da dança em terreiros de candomblé, buscando transposições do ritual para o educacional. Por meio de pesquisa bibliográfica, aliada à pesquisa de campo e ao relato de experiência, foi possível compreender a dança e seu sentido mítico, bem como a gestualidade sagrada do ser dançante. As observações realizadas em terreiros de candomblé na cidade de Campinas, os referenciais teóricos, bem como a experiência concretizada com alunos do curso de graduação em Educação Física da Unicamp, possibilitaram delinear perspectivas de trabalho com danças de orixás no setor educacional. Pode-se constatar que a riqueza gestual, mitológica e cultural dessas danças podem ser concretizadas nas aulas de Educação Física a partir de temas geradores, sendo os terreiros de candomblé um importante laboratório de pesquisa. O trabalho com danças de orixás representaria uma forma de concretização de novas visualizações acerca de manifestações culturais ainda inferiorizadas, contribuindo para a diminuição dos preconceitos no meio acadêmico e para o estreitamento da relação universidade-sociedade.

No período do pós escravidão, no que determinava a lei naquele momento histórico, a negação e desvalorização da cultura afro e seus rituais fez com que os negros se organizassem em grupos religiosos. O candomblé, enquanto religião afro brasileira, surge como uma forma de restituir parte das perdas ocasionadas com a escravidão no Brasil. As comunidades formam verdadeiras famílias e buscam, por meio do ritual, do canto, da dança e do transe, reviver o modelo mítico dos antepassados e adentrar tempos e espaços sagrados.

Enquanto processo dinâmico da sociedade e referência para a história e cultura de grupos africanos no Brasil, o candomblé é transmitido por diferentes ensinamentos formais, dentre os quais se consagra o ensinamento da dança, onde é evidenciada uma certa peculiaridade de acordo com os estilos pessoais ou regionais que identificam uma nação. Tendo por base o trabalho com danças que se voltem para o humano, para as necessidades de relação eu-tu, para o reviver mitológico, foi que vislumbramos as danças de orixás como uma das possibilidades temáticas a serem trabalhadas na Educação Física, já que a dança constitui parte da cultura de movimento humano.

Dividida em três momentos, este trabalho traz a sacralidade gestual por meio da dança a partir do ritual; após em um segundo momento, enfocará a dança em festas de candomblé, buscando delinear o tempo-espço observado a partir da pesquisa de campo. Por fim, dará ênfase ao trabalho de pesquisadores que visualizaram na dança afro e afro-brasileira uma

possibilidade de trabalho em meio universitário, bem como delinear perspectivas de trabalho nas aulas de Educação Física a partir da experiência concretizada com alunos de Educação Física.

3.1.1 A SACRALIDADE GESTUAL

É o momento em que a terra se comunica com o além, com os espíritos de reis, rainhas e heróis divinizadores. Dançando, os homens entram no mundo do sagrado e através das danças próprias, específicas de cada orixá, consagra-se a religiosidade e a renovação.

Bastos (1979, p. 44-45) coloca que ao mesmo tempo em que a dança era um sinal de manifestação alegre dos deuses ela não deixava de revelar um mito peculiar exótico e comprometido com uma interpretação cautelosa.

Os saberes têm na repetição e na realização ritualizada princípios imemoriais, que revelam identidades e transmissões iniciáticas. Na compreensão de Santos (1996, p.36), o papel da dança no rito é "absorver o fazer implícito no próprio contexto religioso", indicando que os movimentos evidenciados nas danças não são realizados aleatoriamente como mera resposta aos estímulos rítmicos ou musicais, mas representados de forma simbólica e específica.

A comunicação entre o "inexplicável" seria a manifestação corporal, sendo ela um intercâmbio espiritual, somente através da corporeidade.

Sobre a dança enquanto veículo de comunicação com os orixás, apropriamo-nos da inquietação de Bastos (1979, p.47) quando pergunta "Por que a dança?". O pesquisador parece questionar-se sobre os motivos pelos quais essa manifestação teria sido escolhida para a expressão dos deuses. Sua resposta é a seguinte: "Porque ela traz em si o poder do movimento necessário ao equilíbrio da natureza".

O pesquisador afirma que através da dança os dançarinos podem expelir suas fraquezas, seus humores, tornando-se mais puros e descarregados, com capacidade de somar forças dessa purificação para benefício comum.

3.1.2 DANÇA NA FESTA E FESTA NA DANÇA.

As danças concretizam-se coreograficamente entre os dançarinos e entre os que dançam com as pessoas, não sendo exigidas aptidões para fazê-lo. Busca-se bem dançar, que é diferente da espetacularização, pois requer o cumprimento das normas do ritual.

O ritmo dos atabaques dá início à celebração. O pai-de-santo entra dançando em sentido anti-horário e movimentando um adjá¹, junto com ele estão as auxiliares de culto e seus filhos e filhos-de-santo por ordem de feitura no candomblé. As mulheres, engrandecidas pelos vestidos brancos rodados, pelas calças de madraço por baixo das saias enfeitadas de renda na boca, pelos Panos-da-Costa e oujás de cabeça, configuram um cenário belíssimo.

A formação da roda continua numa espécie de caracol até que todos estejam dentro do barracão. Tem-se início ao adobale – saudação de agradecimento, súplica ou submissão – que consideramos um dos momentos mais belos do ritual. É quando os filhos e filhas-de-santo prostram-se ao chão para mostrar subserviência e humildade nos gestos.

Os orixás são homenageados, mas nem todos podem concretizar mais eficazmente a incorporação pelo transe, haja vista a ausência na casa de pessoas iniciadas em determinado orixá. Isto leva as pessoas a assumirem posições corporais diversas, a vivenciar ritmos frenéticos que talvez não vivessem em sua atividade diária. A gestualidade pela dança é diversificada, embora em determinados momentos essa diversidade se restrinja a pequenos detalhes. Ora dançam como se estivessem remando, ora parecem estar segurando uma espada com ambas as mãos e movimentando-a firmemente.

Um dos momentos belíssimos do ritual é quando ocorre a incorporação de Oxumaré (o arco-íris, a serpente). Em momento de êxtase, o filho-de-santo em transe joga-se ao chão e se arrasta como uma serpente. Dá um salto como se desse o bote. A imitação da serpente é o momento de celebração dos totens que representam a própria tribo nas suas necessidades sociais, como observado por Bastos (1979).

Outra gestualidade interessante é constatada na dança de Oxum (orixá feminino e vaidoso das águas). As filhas-de-santo em transe sentam-se e começam a se contemplar nos espelhos imaginários que seguram e penteiam os cabelos. Suas saias são arrumadas pelas filhas-de-santo, ampliando sua roda e dando à mesma um balanceio suave.

Os atabaques, seguidos de canto, levam-nos à uma vivência sobre-humana. Nos terreiros se é irradiado por uma energia de tal forma que a vontade é adentrar à roda e dançar

¹O adjá é utilizado em vários momentos, no desenvolvimento mediúnico, quando se prepara o amaci, a oferenda para os Orixás. Só pode ser usado pelo Dirigente Espiritual ou por alguém de extrema confiança do Dirigente.

junto, observando, imitando, repetindo e vivendo a consagração. A dança é capaz de levar o ser dançante à vivência de sua corporeidade através da misteriosa consagração da totalidade existencial - nem só corpo, nem só espírito.

É plenitude, totalidade do ser e estabelece o diálogo na dualidade. É eu-tu, como discutido por Buber (1979), ao contrário do profano eu-isso, onde o outro é objeto, coisa utilizável. Significa a plenitude do humano: corpo espiritual, espírito corpóreo. Manifesta a exuberância do ser pleno em suas relações com a natureza, com a ancestralidade, com os modelos exemplares. Proporciona o ser indivíduo indiviso, manifestado pela hierofania², ou seja, pela revelação do sagrado e ingresso no período criador.

A seguir entramos no setor educacional, associando ao cenário das danças de orixás.

3.1.3 ADENTRANDO TEMPOS –ESPAÇOS, RITO- EDUCACIONAIS.

Temos que compreender os terreiros como espaços religiosos onde estão presentes aspectos que foram vitais aos escravizados africanos, considerando que existe neles manifestações da música e da dança, que no conjunto oferecem uma visão particular do mundo e da forma como nossos ancestrais compreenderam o mundo na diáspora, onde o corpo é visualizado como portador de conhecimento e de expressão e tem a sua relevância fundamental na dança. A familiarização com o estilo de linguagem corporal própria foi possibilitada, evidenciando-se parte da diversidade gestual brasileira.

Tratando mais especificamente da dança afro, ou seja, da dança africana de expressão artística e, em especial, na área da Educação Física, temos o trabalho desenvolvido por Souza (1996). A autora buscou ainda, subsidiar uma proposta de inclusão da dança afro nos currículos de Licenciatura em Educação Física, onde aponta a necessidade de pesquisas sobre as representações de atores universitários em relação à cultura negra e à dança afro, em especial, no contexto acadêmico e frisa a necessidade de inserção dessa cultura corporal enquanto conteúdo de um curso superior em Educação Física.

Os terreiros não representam apenas um espaço de manifestação religiosa, mítica, mas constituem ainda um laboratório de pesquisas primordial às nossas construções; um irradiador de ideias e possibilitador de conhecimentos.

²O termo não implica qualquer outra especificação e refere-se a qualquer manifestação do sagrado em qualquer objeto, pessoa ou lugar no curso da história da humanidade. Ela denota algo completamente diferente do que comumente entendido como "nosso mundo", o profano, que se manifesta no fato de normalmente percebida.

A visualização do universo cultural afro-brasileiro do candomblé, em maior ou menor amplitude, permitiu a autora, focalizar possibilidades de uma transposição religiosa para outros setores como, por exemplo, o educacional, vislumbrando a relevância de um contato direto com as danças de orixás em terreiros de candomblé, bem como a utilização dessas observações, aprendizados e experiências no setor educacional.

Este estudo sobre as danças de orixás permite-nos uma reflexão sobre a transposição dessas danças a outras manifestações dançantes que não sejam as específicas dos rituais de candomblé. Importante ressaltar que este estudo leva-nos também a uma reflexão sobre nossa condição de educador enquanto possibilitador de conhecimentos sobre culturas diversificadas, contribuindo para a diminuição de certos preconceitos e discriminações no tocante às práticas rituais integrantes de nossa sociedade.

A autora nos chama atenção para grandiosidade de manifestações corpóreas que não impõem idade, sexo, raça, credo ou cor e que podem contribuir para que os indivíduos se voltem para a vivência de sua corporeidade, de suas crenças, de seus mitos, tão camuflados na modernidade. O texto abre espaço para reflexões além das estabelecidas pelos programas institucionais e permite o ingresso no mundo do sagrado, do ritual, do mito e das suas possibilidades de manifestação na sociedade moderna, elementos tão camuflados nessa sociedade profana.

Mas, o que a autora quer dizer com danças de orixás enquanto temas geradores?

Na década de 60, Paulo Freire (1987), educador brasileiro, desenvolveu um método para a alfabetização de adultos, onde os temas das aulas eram gerados a partir da visão de mundo das pessoas, das ações voltadas para a reflexão, para o encontro, para a comunicação e diálogo, sendo discutidos temas principais da vida de quem está sendo alfabetizado.

Durante a experiência com danças de orixás no curso de Educação Física, a proposta de trabalho com danças a partir de temas geradores foi discutida e vídeos sobre danças de orixás foram exibidos, com ênfase em imagens que retratassem os movimentos a serem experienciados em aula.

Segundo a autora durante as vivências, pensou-se primeiramente na alfabetização dos corpos, posto que a maior parte dos alunos ainda não tinha vivenciado tais experiências. As músicas foram diversificadas e não fizeram alusão aos rituais religiosos, mas tiveram o vigor da música andina, da música popular brasileira e dos tambores afro.

O tempo permitiu-nos trabalhar as danças de Ogum, Oxóssi, Oxum, Iemanjá e Oxumaré. Dada a diversidade de representações gestuais dos orixás, primamos por aquelas que melhor os caracterizassem. Segundo Lara (2000), ao tempo em que buscavam alfabetizar,

alfabetizavam seus próprios corpos, já que as observações dos rituais nos terreiros e nas fitas de vídeo não nos possibilitaram a corporeidade para efetivá-la. Os alunos participantes do seminário não tiveram muitas dificuldades gestuais para essa primeira alfabetização. Os movimentos já eram em si bem representativos e primorosos. A partir de sua exploração e alfabetização, passamos ao diálogo dos corpos a partir do contato com o outro.

A libertação começa a vir à tona. As gestualidades dos orixás apareceram misturadas, entrelaçadas, à medida que os alunos foram se recordando de suas representações, foi permitido encenar e reviverem um momento mítico e adentraram tempos e espaços diferenciados por meio da dança.

Os corpos dançaram, em sua maioria, graciosamente. Pareciam já ter vivido essa experiência. Foram interpelados pelo sagrado, pela vivência ritual. Pensar nas danças de orixás e nos inúmeros preconceitos ainda existentes é buscar, em meio educacional, um rompimento com ações ante dialógicas que tentam invadir a vida das pessoas, impondo uma cultura, privilegiando o individual, manipulando e conquistando.

As danças de orixás, como um dos temas geradores a serem trabalhados, possibilitariam a visualização de uma cultura diferenciada, rica em gestualidade, em mitologia, e representariam uma forma de viabilizar o ingresso na síntese cultural de que fala Freire (1987), ou seja, permitir-se conhecer a diversidade das culturas pela fusão das mesmas, inviabilizando a sobrepujança de umas sobre as outras.

Tendo o candomblé enquanto um laboratório interessante, é possível pensarmos em transposições dessas danças rituais para o contexto educacional, seja em grupos de dança, escolas, universidades ou academias. É preciso proporcionar aos seres em formação a capacidade de optarem a partir do conhecido, do vivenciado e do explorado. Ficam as intenções rito-educacionais e o convite à vivência de outros tempos e espaços, a todos os que gostarem de ousar e se sentirem incitados a novas experiências e transposições.

3.2 CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA.

A Educação Física tem vivenciado nas últimas décadas uma fase de intensos questionamentos, gerando conflitos e algumas mudanças quanto à forma de visualizá-la como disciplina acadêmica e/ou escolar. No mesmo sentido, avanços significativos têm ocorrido a partir da compreensão do tema corporeidade, seja na busca de novas linguagens e conceitos ou na crítica à visão mecanicista da ciência e do corpo. Consiste assim, finalidade deste ensaio, refletir sobre a questão da corporeidade e suas interfaces com a Educação Física.

Corporeidade esta, ao que parece primordial para práxis da Educação Física, considerando que seu entendimento e conseqüente ampliação das suas possibilidades poderia contribuir para oferecimento, por parte dos profissionais de Educação Física, de uma educação corporal mais enriquecedora e significativa.

Para Lara. L.M. (2000): ao discutir-se sobre Corporeidade, muitas foram as indagações, dúvidas e preocupações ao iniciar este ensaio. Não que as tenha resolvido completamente. Impossível fazê-lo. Talvez tenham ficado momentaneamente latentes para desabrochem, em breve, mais inquietantes.

Conceitua Corporeidade de acordo com alguns dicionários da língua portuguesa: como sendo a qualidade de corpóreo, relativo ao corpo, corporalidade, muitos poderiam contentar-se ou não com estas definições, mas para ela Corporeidade, assim, encontra-se exatamente no corpo.

Questiona então, como construímos o conhecimento sobre este corpo e sobre a corporeidade? Vivemos, somos nosso corpo ou apenas o utilizamos conforme as mais diversas “conveniências”? Enfim, quanto à corporeidade relaciona-se ou não com a Educação Física? No tocante à área da Educação Física, mais de 20 anos transcorreram desde as primeiras críticas contundentes, principalmente na área escolar, denunciando desde sua “vinculação” ou uma certa “subordinação” às instituições médicas, militares e esportivas até a formação e atuação profissional.

Rangel-Betti (1998), por exemplo, ao analisar o processo de formação e desenvolvimento profissional de um professor de Educação Física, constatou que não há mais espaço para os acomodados ou para aqueles que simplesmente reproduzem e não transformam. Em contrapartida, evidencia-se a necessidade de um profissional reflexivo e crítico (acrescentaríamos, sensível) cuja formação e atuação devem ser compreendidas e vivenciadas como um continuum.

3.2.1 DO CORPO À CORPOREIDADE E À EDUCAÇÃO FÍSICA

O corpo deve ser nosso fundamento primeiro, afirma Moraes (1993). Partindo do pressuposto que a corporeidade apresenta-se primordial para práxis da Educação Física, a afirmação acima se torna referencial; pois tentar compreender a corporeidade é saber olhar as expressões e desejos deste corpo e do corpo ao lado, complementa o autor.

Neste sentido, é preciso olhar sensivelmente o corpo na busca da sua consciência corporal e não da disciplina imposta ou padronizada. Devemos habitar este corpo, sentir suas

necessidades, anseios, limites, sensações; ou seja, aceitá-lo, para quiçá descobrir sua consciência e sabedoria (MORAIS, 1993; MOREIRA, 1995).

Ser corpo é estar no mundo sensível e inteligentemente através de um diálogo de aprendizagem, uma certa “espiritualização do corpo” no sentido de vivenciar atitudes e encontrar corpos mais enriquecidos de todos os seus aspectos vitais e emocionais, destacam os autores.

Embora, muitas tenham sido (e são) as representações e ações dos corpos presentes na história humana, ser e estar no mundo representa uma atitude perante a vida, onde o viver corporal deveria então, surgir como uma sabedoria (MORAIS, 1993). Ou seja, a compreensão de corporeidade, que cada um possui, deve representar uma atitude perante sua existência corporal.

Todavia, “o mundo ocidental inventou um modelo prometeico de dominação, de conquista da natureza, que afastou/afasta qualquer ideia de sabedoria” (MORIN, 1998, p.48); tendo sido nesse contexto sociocultural estabelecidos, no imaginário social, traços de uma corporeidade “submissa, disciplinada, desprezada, por vezes até abjeta” (SANTIN, 1993, p.54).

A compreensão da corporeidade permeia nestes aspectos, a observação das imagens, símbolos e linguagens corporais que constroem-se no imaginário social, e que em última instância, determinam a vivência corporal afirma Santin (1997). Porém, as diferentes culturas, ideologias e organizações quase sempre arquitetaram um corpo humano que fosse conformista e adequado.

E ainda, segundo o mesmo autor, existem os “corpos políticos”: corpos libertários e anarquistas, monárquicos, socialistas e capitalistas; e tanto outros, como os desafiadores para a ciência: “o corpo bio-psico-energético, na pele e além da mesma, sensorial e extra sensorial, encoraçado ou bioenergético, travado ou vibracional e sócio ecológico” (ASSMANN, 1995, p.74).

Assim, não importando a época, os “discursos sobre o corpo” nas palavras de Foucault (1977b) ocorreram/ocorrem e sucedem-se, evidenciando a heterogeneidade da realidade corpórea como base da sociedade e da história. As maneiras de inferir inquietações quanto ao corpo ou de submetê-lo à interdição constituem-se para aquele autor, discursos sobre o corpo, construindo-se seu sentido tanto com o “falar” como com o “calar”. É impossível não comunicar, se eu falo ou se eu calo; posto que o corpo constitui-se num complexo e heterogêneo espaço de inscrição dos acontecimentos.

Ao fazermos uma breve retrospectiva histórica da cultura do corpo verifica-se que, a partir do Renascimento, seguido da Revolução Industrial, aquela ressurgiu marcada por considerável desenvolvimento científico, caracterizando-se por uma determinada racionalidade científico-instrumental.

Os sentidos e a sensibilidade, diante do que se chamou de verdade científica, passaram a ser considerados enganadores, não tendo crédito de cientificidade o conhecimento da experiência existencial e individual, relata Santin (1987, 1993). O corpo humano passou a ser visualizado, geralmente, apenas como um objeto passível de esquadramento e de controle; ocultando-se a afetividade e separando-a da inteligência de acordo com Morin (1998).

Ao reduzir a corporeidade a um funcionamento mecânico, não se pôde mais se ocupar com a espiritualidade, a afetividade e a sensibilidade (SANTIN, 1993). No entanto, a linguagem humana não responde apenas às necessidades práticas e utilitárias. Responde também às necessidades de comunicação afetiva e ao prazer de comunicar-se com o outro (MORIN, 1998) e conosco.

Encontramo-nos então, “numa época de transição e de tomada de consciência de uma falta” (Morin, 1998, p.49). Necessitaremos em breve, vivenciar o corpo-próprio – enraizar o espaço da existência – nas palavras de Merleau-Ponty (1994); onde a realidade corporal e a percepção subjetiva de se estar no mundo não se esgotam no biológico mas sim na “união” harmônica ou conflituosa das dimensões biológicas e simbólicas que formam a corporeidade (SANTIN, 2000).

Este corpo não é uma máquina, um instrumento que registra as informações do mundo exterior na forma de um decalque. [...] seu sentir não é um sentir de qualquer corpo animal. Sua especificidade está exatamente no processo relacional homem/mundo, procede da sua existência concreta de sentir, pensar, agir, sonhar, imaginar, desejar, seduzir. O homem aprende a sentir, sentindo o mundo através de seu corpo (TEVES, 1992, p. 8/9).

Assim, constata-se, ao longo do processo histórico, civilizador e normatizador, da sociedade moderna ocidental, a crescente ação de um poder que atua sobre o corpo, diminuindo suas potencialidades e determinando formas específicas de comportamento (GONÇALVES, 1994), configurando um certo “esvaziamento e empobrecimento do tecido das relações sociais” (Rago, 2000, p.15). “O homem público do passado ter-se-ia convertido no espectador silencioso do presente, figura indiferente, sem expressão física, facial e emocional” (p.09).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso escolhido neste diálogo, gostaríamos de considerar que o tema escolhido desacomodou, inspirou e iluminou. Fortaleceu nossas lutas e necessidades de avançar na compreensão da corporeidade como uma projeção do corpo enquanto possibilidades de movimentar-se e, a partir deste movimento, vivenciar as potencialidades corpóreas. Deve-se frisar que estas potencialidades não avêm da possibilidade de moldar-se o corpo a funcionalidade exigida em determinada atividade social, mas ao contrário, na libertação do corpo para explorar novas expressões/emoções.

A própria história das ciências tem nos mostrado que as alternativas de desenvolvimento do conhecimento humano estão presentes desde o início do pensamento racional. Movimentos alternativos, fundamentados e inspirados nas perspectivas holísticas e/ou ecológicas estão exigindo a revisão do modelo positivista reducionista de produção do conhecimento, tanto em relação ao ser humano como ao universo (SANTIN, 1993; BRITO, 1996).

Talvez resida neste despertar, uma das muitas possibilidades da corporeidade (re)nascer comunicativa, criativa, expressiva, lúdica, sensível ou tantos outros resgates significantes da expressão humana. Pois pensar a corporeidade e as corporeidades geradas no imaginário social e especificamente na Educação Física, requer uma postura que acople uma certa perplexidade e questionamento constante quanto às “verdades” que foram sendo construídas e que acabaram arquitetando o que hoje compreendemos por humano, por corpo, por Educação Física. Esta própria expressão traz em sua origem o pressuposto de que o corpo precisa ser “educado” para melhor cumprir as funções exigidas pela sociedade capitalista.

Ao trazer à tona a riqueza cultural das religiões de matriz africana, representadas pelos terreiros de candomblé, buscou-se demonstrar possibilidade de promover uma vivência corpórea com características específicas: resgatar a dança como uma relação entre o terreno e o divino e a ritualização que permite aos corpos exercerem sua liberdade de manifestação. Como isto, o processo educativo pode incluir a dança dos orixás como forma de despertar a corporeidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas Educacionais e Corporeidade**. 3. ed. Piracicaba: Unimep 1995.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilização**. Pioneira, 2ª Ed. São Paulo, Brasil. 1985.

BASTOS, Abguar. **Os cultos mágicos - religiosos do Brasil**. Hucitec, 1979.

BURNHAM, Terezinha Froes. **Complexidades, Multirreferencialidades, Subjetividades – Três referencias polemicas para a compreensão do currículo escolar**. In: Em Aberto, nº 58, Abr/Jun, Brasilia, Brasil. 1994.

CADERNOS DE PESQUISA. **Especial sobre “Raça Negra e Educação”**. n.63. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1987.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA. Belo Horizonte, 1993, v. 1, n.º 2, p. 16-23.

CONTINS, M; SANT’ANNA. L.C. **O Movimento Negro e a questão da Ação Afirmativa**. In: Estudos feministas. IFCS/UFRJ – PPCIS/UERJ, 1996, vol. 4 nº1.

_____. **Multiculturalismo e Racismo: uma comparação Brasil - Estados Unidos**. Brasília. Paralelo 15 Editores, 1997.

_____. **Movimentos sociais: a construção da cidadania**. São Paulo: CEBRAP, 1984.

DANIEL, N. **Memória da negritude: calendário brasileiro da africanidade**. Brasília: Ministério da Cultura/fundação Cultural Palmares, 1994.

DIAS, R.Q. **Políticas e Programas de Promoção da Igualdade. Seminário relações raciais e mercado de trabalho.** Anais. Belo Horizonte. Instituto de Relações Internacionais e Lumen – Instituto de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica, dez., 1997.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo, Perspectivas do Homem,** Edição 70, São Paulo, Brasil. 1976.

FERNANDES, F. **O Negro no Mundo dos Brancos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

_____. **“Diretrizes e Bases”.** Folha de São Paulo, 12.3.1989.

FONSECA, M.V. **Concepções e práticas em relação a educação dos negros no processo de abolição do trabalho escravo no Brasil (1867-1889).** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas.** Martins Fontes, São Paulo, Brasil 2007

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão -** Petropolis, Brasil, Vozes, 1997.

_____. **A História da Sexualidade: A Vontade de Saber.** São Paulo, Graal, 2006.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, L.A.O. **Discriminação Étnica e Multiculturalismo.** In: BICUDO, A.V.; SILVA JR, C.A (orgs). Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade. São Paulo: UNESP, 1996.

GONÇALVES, L.A.O. SILVA, P.B.G. **O jogo das diferenças: multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Movimento Negro e a Educação.** Revista Brasileira de educação. nov.-dic, n.º 15, Associação Nacional de Pós-Graduação de Pesquisa em Educação, São Paulo, Brasil. 2000.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Metodologias Qualitativas em Educação,** São Paulo: E.P.U., 1986.

LUZ, M.A. AGADÁ, **Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira.** Salvador: EDUFBA, 2000.

LUZ, M.A, **Cultura Negra e Ideologia do Recalque.** Achiamé. Rio de Janeiro, Brasil.1983.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** Editora Perspectiva, São Paulo, Brasil. 1976[1935].

MAUSS, Marcel (2009), «**As técnicas do Corpo**», in **AA.VV., Corpo, Coleção Arte e Sociedade** (Dir. João Valente Aguiar), n.º 1, Lisboa: Apenas Livros | Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 3-24.

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia e Percepção.** São Paulo: Martins Fontes,1999.

PEREIRA,V.Rezende, M..**O SISTEMA DE ENSINO BRASIELEIRO, AS POLITICAS RACIALIZADAS E AS AÇÕES EXTENSIONISTAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (NEAB UERJ).** Revista da ABPN, América do Norte, 7, fev.2015.

REZENDE, Marcos V.B. **A técnica dos deuses: A construção do corpo em um terreiro de candomblé Angola-Congo.** Dissertação de Mestrado- Performances Culturais Interdisciplinar. UFG, Goiania, Brasil. 2014.

SILVEIRA, Marta I.C.M da. **O Movimento Social Negro: da contestação as politicas de ações afirmativas e a implicação para aplicação para Lei Federal 10.639/03 – O caso da rede Municipal de Ensino de Santa Maria.** Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Pesquisa e Educação. Faculdade de Educação. UFBA, 2009.

SILVEIRA, M.I.C.M. da, TIER. C. G. **Manifestações artísticas e culturais negras; a dança afro no espaço do Ensino Superior**; Em: SILVA, Fabiane. F. e MELLO, Elena. B. (orgs.). *Corpos, Gêneros, Sexualidade e relações étnico-raciais na educação* [recurso eletrônico], Uruguaiana, RS: Unipampa, 2011.

SILVEIRA, M.I.C.M. da, SILVA, P.R.C. da. **As relações étnico-raciais e a diversidade cultural: implicações para a Educação**; Em: SILVA, F.F. e FREITAS, D.P.S. de. II Seminário *Corpos, Gêneros, Sexualidades e Relações Étnico-raciais na Educação*, Uruguaiana, UNIPAMPA, 2012, disponível em <http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/>

SILVEIRA, P.R.C. da, SILVA, M.I.C.M. da. **Da Maioria Silenciosa à Minoria Mobilizada: as tensões e contradições na implantação das ações afirmativas na Universidade Federal de Santa Maria**. Em: SANTOS, J.T.dos (Org.) *Cotas nas Universidades: análise dos processos de decisão*, Salvador, CEAO, 2012.

SILVEIRA, P.R.C. da, SILVA, M.I.C.M. da & MESSIAS, A.R. **Monitoramento, Permanência e Promoção da Diversidade: as ações afirmativas em risco na Universidade Federal de Santa Maria**. Em: SANTOS, J.T.dos (Org.) *O Impacto das Cotas nas Universidades Brasileiras*, Salvador, CEAO, 2013.

SANTANA, M.M., LUZ, I.M. e SILVA, A.M. **Dilemas e aporias subjacentes aos processos de implementação da Lei 10.639/2003**; In: SILVA, Paulo V.B. da., GOMES, Nilma Lino e ARAUJO, Débora C. (Orgs.) *Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003*. SECADI-MEC, 2009.

SANTOS, I.F. **Da tradição africana a proposta pluricultural-dança-arte-educação**, Tese de doutorado, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1996.

SILVEIRA, M.I.C.M. da, TIER. C. G. **Manifestações artísticas e culturais negras; a dança afro no espaço do Ensino Superior**; In: SILVA, Fabiane. F. e MELLO, Elena. B. (orgs.). *Corpos, Gêneros, Sexualidade e relações étnico-raciais na educação* [recurso eletrônico], Uruguaiana, RS: Unipampa, 2011.

SILVEIRA, M.I.C.M. da, SILVA, P.R.C. da. **As relações étnico-raciais e a diversidade cultural: implicações para a Educação**; Em: SILVA, F.F. e FREITAS, D.P.S. de. II

Seminário Corpos, Gêneros, Sexualidades e Relações Étnicoraciais na Educação, Uruguaiana, UNIPAMPA, 2012, disponível em <http://porteiras.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/>

SIQUEIRA, M.L. **Os orixás na vida do que neles acreditam**. Mazza Edições, Belo Horizonte, Brasil. 1995.

SOUZA, F. da S. e PEREIRA, L.M. de S. **Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços**; Em: SILVA, Paulo V.B. da. , GOMES, Nilma Lino e ARAUJO, Débora C. (Orgs.) Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003. SECADI-MEC, 2009.

SOUZA, E.F. **Representações sociais da cultura negra através da dança e seus atores**, Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação, UGF, Rio de Janeiro, 1995.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo 1987. Ed. Atlas.

VIANA, Klaus. **A Dança**. Siciliano, São Paulo, Brasil. 1990.